

ESCOLAS DO POVO: EXPERIÊNCIAS DE LINGUAGENS E LEITURAS EM SALVADOR-BA - 1870 A 1920¹

Ione Celeste Jesus de Sousa²

1. INTRODUÇÃO

As grandes construções espirituais coletivas ou populares descansam, como em sólidos alicerces, no substratum da psicologia individual, e desta recebem as suas linhas divisórias mais naturais. **Nelas a língua é a trama com que se tecem ou bordam as duas revelações primordiais, o mito e os costumes.** É o instrumento da sua expressão. **E depois da língua,** as religiões. As múltiplas e variadas manifestações do sentimento religioso dão a mais segura medida da situação mental de cada povo (NINA RODRIGUES, 1935, p. 121-122)³.

Este texto apresenta o estágio atual da pesquisa de Doutorado, incorporando questões surgidas no decorrer da pesquisa relativas às vivências dos pobres urbanos no limiar do século XX, apontadas pela historiografia⁴ principalmente na perspectiva de que essas vivências tiveram raízes nas tradições culturais dos grupos étnicos que formavam a população da época nas diversas regiões e territórios do Brasil, em contingências historicamente tecidas,

Nos limiares do século XX, o fenômeno da mobilidade dos homens livres e a intensidade do processo de miscigenação **impõem, assim, outras dimensões para se interpretar os elementos constitutivos da privacidade desses grupos e os parâmetros que presidiam a vida cotidiana de largas parcelas da população brasileira.** Mais do que formas de convívio íntimo, dizem respeito a estratégias de sobrevivência nas quais as relações com o meio, [...] os ritos do dia-a-dia e os da religiosidade popular tiveram que ser constantemente reelaborados, **harmonizando-se às contingências de mudanças frequentes no vaivém habitual.** (WISSENBACH, 1998, 59-60).

Tal olhar provocou o repensar de algumas fontes trabalhadas no Mestrado. Estas apontavam para uma repetida preocupação com o uso de outras línguas; com a implantação de uma periodicidade sistêmica nos anos escolares; com a prática de “bancas”; com o uso dos castigos físicos, o que permitiu reflexões sobre que significados tinham para os pobres urbanos – centro das reformas educacionais gestadas no período – práticas como “[...] logo que aprendiam as quatro operações, escrever um bilhete e ler um pouco do jornal, as crianças e jovens abandonavam a

¹ Pesquisa de doutorado realizada sob a orientação da Professora Dra. Maria Antonieta Martinez Antonacci, do Programa de Pós-Graduação em História Social /PUC-SP.

² Doutoranda em História Social do Programa de Pós-Graduação em História Social da PUC/SP, Professora do Curso de História da Universidade Católica do Salvador – UCSal e do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

³ Grifo nosso. A data 1903 corresponde à escrita do texto. Nina Rodrigues faleceu em 1906, mas a publicação só ocorreu em 1935.

³ Ver, entre outros: FRAGA F. °, Walter. *Mendigos, Moleques e Vadios*. São Paulo: Hucitec, 1996; REIS, João José. *A Morte é uma Festa*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997; SANTOS, Carlos José Ferreira. *São Paulo e Pobreza (1890-1915)*. São Paulo: Anablume Editora, 1997.Co-edição FAPESP; FERREIRA F. °, Alberto, Salvador das Mulheres. Dissertação Mestrado PPGH/ UFBA, 1994; SANTOS, José Carlos. *Nem Tudo era Italiano*, São Paulo. Anablume, 1997, co-edição FAPESP; WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Sonhos africanos, Vivências Ladinas: Escravos e Forros no Município de São Paulo (1850-1888)*. São Paulo: Hucitec, 1998

escola” (TEIXEIRA, 1928); preferir os preparatórios ao invés do curso secundário seriado; resistir aos horários em período integral; interessar-se por “línguas estrangeiras”.

Assim, busquei incorporar a perspectiva abaixo conceituada:

Interpretar a historicidade das condições de vida desses grupos (os pobres) implica, também, superar os limites dos preceitos burgueses e **discernir valores e visões de mundo a eles peculiares em experiências sociais diversificadas e fluidas; implica avaliar a reorganização de suas vidas contornando [...]**, fugindo dos alistamentos e das conturbações políticas, buscando novos espaços sociais que permitissem minimizar não só as mazelas do desenraizamento, como também a condição de exclusão pretendida pelos projetos modernizantes das elites brasileiras (TEIXEIRA, 1928, grifo nosso).

Considerarei que esses sujeitos históricos, os pobres, os populares, tinham acesso a várias formas de linguagem (WILLIAMS, 1979, pp. 43)⁵, de leituras, inclusive o letramento, fora ou dentro da escola⁶, a partir de um conjunto de práticas e tradições populares sistematicamente desqualificadas pelas elites – especialmente os educadores e higienistas, consideradas como problemas, em um processo de dominação secular.

Assim, atualmente, o objeto da minha pesquisa são as experiências de linguagens entre os pobres urbanos⁷, nas camadas populares da cidade de Salvador, Bahia, entre 1870 e 1920, a partir de tradições culturais como processos educativos, constituídos e constitutivos dos modos de vida, a partir dos valores e das experiências dos sujeitos históricos. Busco apreender suas práticas e tradições-gestos, cânticos, pregões, ditados, *orikis*; milagres e votos; trabalhos de ferraria e ourivesaria, devotos ou laicos; trabalhos de encarnamento, entre outras artes – enquanto formas de ler e exprimir o mundo; seus esforços e estratégias para transmiti-las; suas trajetórias, estratégias e diferentes formas de ler; aprender línguas; letrar-se. Por conseguinte, os usos e mediações que despertaram habilidades nos pobres urbanos⁸, em tensão com as estratégias de alfabetização e escolarização gestadas pelos grupos dominantes.

⁵ Tomo a perspectiva de Raymond WILLIAMS da linguagem como os “[...] produtos comunicativos reais que constituem os signos usáveis e que são evidências vivas de um processo social continuado, no qual as pessoas nascem e dentro do qual são formadas, mas para o qual também contribuem de forma ativa, no processo permanente. Nem é essa linguagem [...] um simples ‘reflexo’ ou ‘expressão’ da ‘realidade material’. O que temos é, antes, uma compreensão dessa realidade por meio da linguagem, que, como consciência prática, está saturada por toda atividade social e a satura, inclusive a atividade produtiva. E como essa compreensão é social e continua [...], ela ocorre dentro de uma sociedade ativa e em transformação. A linguagem fala dessa experiência”.

⁶ O uso dos termos escola e escolarização, sem o “formal”, considera que tais termos expressam os processos de formalização e disciplinarização da modernidade em relação às experiências de letramento, enquanto práticas e modos de vida.

⁷ Eles estavam em todos os lugares, em toda a cidade e setores das atividades urbanas, desempenhando **artes** como: ferreiro e ferrareiro; alfaiate, caldeireiro, carpinteiro, empalhador, ourives, sapateiro, serrador, torneiro, tanoeiro; atividades comerciais como caixeiros de armazém, boticas, lojas, vendas, açougues e trapiches; nos serviços do mar como canoeiros, marinheiros de barra a fora; da contra costa; da embarcação; da lancha do governo; embarcações diversos. Escravos de ganho domésticos para casa, cozinha, lavagem e engomagem de roupa; amas-secas e amas-de leite; pajens; jardineiros; copeiros, músicos, barbeiros fixos e itinerantes; barbeiros sangradores, enfim, uma infinidade de serviços, essenciais à vida cotidiana da cidade e dos senhores, separados ou em conjunto com livres e libertos, africanos e brasileiros como **ganhadores de canto**. Ver sobre pobres urbanos em Salvador, entre outros autores, ANDRADE, Maria José de Souza. *A mão de obra escrava em Salvador*. São Paulo: Corrupio, 1988. REIS, João José. *A morte é uma festa*. São Paulo: Companhia das Letras. FRAGA FILHO, Walter. *Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX*. 1995. São Paulo/Salvador: Ed. Hucitec/EDUFBA. (Coleção Estudos Históricos, 26). MATTOSO, Kátia de Queirós. 1992. *Bahia: uma Província no Império*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira. NASCIMENTO, Anna Amélia. *Dez freguesias da cidade de Salvador*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1986. FERREIRA FILHO, Alberto. *Salvador das mulheres*. Salvador: PPGHS/UFBA, 1994. Dissertação de Mestrado.

⁸ Do livro de Jorge Amado *Tenda dos Milagres*, elegi dois personagens que são arquétipos dos jovens pobres, e negros/mestiços, que vivenciaram diversas linguagens, a partir de um conjunto de práticas e tradições populares, na passagem do século XIX para o XX, assim como os usos que fizeram daquelas. Um, o Tadeu Canhoto, que, pela escolarização, ascendeu socialmente; outro, o “Major” Damião de Souza, que, fora da escola, teve acesso à leitura e ao

Esses pobres urbanos, até 1889, eram os escravos, os livres e os libertos; os brancos pobres, brasileiros ou estrangeiros, como aponta a produção histórica. Após, negros, mestiços e brancos, que tento rastrear a partir de suas experiências de linguagem ancoradas em tradições culturais.

Com essas premissas, considero possível caminhar na busca das experiências de leituras e escritas, dos indivíduos pobres da cidade de Salvador, pensando na diversidade de forma que se constituíram.

2. AS FONTES

Falar em antigamente é tarefa sedutora. Tudo que já se passou pode ser lembrado vestido pelas galas da imaginação. Somente os que odeiam, ou não aceitam a vida como ela é, não têm um antigamente com fatos e pessoas que encheram tempos idos. Mas o antigamente é termo muito relativo. **Ele tem a idade da eternidade.** Todo o nosso presente será, dentro em pouco, antigo, passado. Atingir o ponto em que o antigamente deva ter começado faz parte das coisas julgadas impossíveis. Dizer, por exemplo, como era a nossa cidade antigamente, será fácil? A qual antigamente estaremos indicando? O do homem de quarenta anos, do velho de oitenta, da matrona de sessenta, da menina de vinte anos? (VIANNA, 1994, p. 17, grifo nosso).

A pesquisa sobre as experiências de linguagens entre os pobres de Salvador, aqui apresentada, tem, a essa altura da pesquisa, um corpus documental centrado em quatro conjuntos de fontes:

- a) memorialistas que escreveram crônicas sobre a cidade de Salvador como Hildegardes VIANNA – folclorista, herdeira de uma tradição de memorialistas, inclusive seu pai, o escritor Antônio VIANNA;
- b) memórias de sujeitos das camadas populares/religiosas, em depoimento oral ou escrito – Miguel Santana e Mestre Didi;
- c) obras que, no início do século XX, pesquisaram o problema do negro na Bahia/Brasil; basicamente, neste momento, os trabalhos de Nina Rodrigues sobre a herança bio-psíquica-cultural dos africanos;
- d) obras de análise sobre arte popular baiana – até aqui, os trabalhos sobre arte popular e religiosidades de Clarival do Prado VALLADARES;

O conjunto de fontes que tenho à mão fez-me refletir, por enquanto, sobre três possibilidades de linguagens entre os pobres urbanos na cidade de Salvador:

- a) primeiro, como um território constituído na diversidade étnica – africanos e seus descendentes crioulos e mestiços; nacionais; imigrantes europeus, basicamente os ibéricos e os genericamente identificados como “árabes” - marcados pelas vivências e relações desses grupos – que pode ser uma linguagem, um local de cultura, representado por, “[...] vínculos a lugares, eventos, símbolos,

letramento, a partir de práticas tradicionais, continuando umbilicalmente ligado ao povo pobre. Ao tomar a literatura como mote de uma pesquisa histórica, e no decorrer desta como fonte, incorporo a proposta de CHALHUB: “[...] historizar a obra literária – seja ela conto, crônica, poesia ou romance -, inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim, como constrói ou representa a sua relação com a realidade social – algo que faz mesmo ao negar fazê-lo[...]. Para os historiadores a literatura é, enfim, testemunho histórico”. In CHALHUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Afonso (org). *A história contada: capítulos de história social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.

histórias particulares, mas novas identidades – híbridas. Elas representam o que algumas vezes é chamado de uma forma particularista de vínculo ou pertencimento. (HALL, 2001, p. 76);

b) segundo, as tradições populares como os riscos de milagres, encarnações de santos, ourivesaria enquanto linguagens em“ [...] que o processo de articulação é necessariamente também um processo material. (WILLIAMS, 1979, p. 44);

c) por fim, um tipo especial de linguagem, que são certas tradições transmitidas pela voz e gestos – orikis, ditados, canções, passos e gestos, vestuário e ornamentações – sempre como performance e no saber fazer dos modos de vida cotidianos.

3. REFERÊNCIAS

3.1 Fontes

3.1.1 Crônicas escolhidas

VIANNA, Hildegardes. **A Bahia já Foi Assim: Crônicas de Costumes**. 2000. Salvador: Editora FG. 3.ed., 1973.

_____. **Antigamente era Assim**. Rio de Janeiro/Salvador: Editora Record/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994.

3.1.2 Obras sobre o negro na Bahia/ Brasil

VERGER, Pierre. **Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns**. São Paulo: EDUSP, 2000.

NINA RODRIGUES, Raymundo. **Os Africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1935.

_____. **O Animismo Fetichista**. 1903.

3.1.3 Depoimentos e Memórias

SANTANA, Miguel. Depoimentos. In: CASTRO, José Guilherme(org.). Salvador: CEAO/UFBA, 1996.

SANTOS, Deoscoredes Maximiniano dos. **História de um Terreiro Nagô**. São Paulo:Livraria Max Limonad, 1998.

3.1.4 Outros

FREYRE, Gilberto. Panos à Cabeça: em torno de sua possível importância antropológica para a determinação de origens regionais ou tribais africanas de escravos brasileiros. In: **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979. (Coleção Brasileira). V. 370.

GRADEN, Dale. Reação intelectual ao candomblé afro-baiano. O Alabama. 1864/1871. **IGHBA**, 93. Salvador: 1997.

VALADARES, Clarival do Vale. **Riscadores de Milagres: um Estudo Sobre Arte Genuína**. Salvador/Rio de Janeiro: Superintendência de Difusão Cultural da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, 1967 (inclui iconografia).

_____. O aperfeiçoamento dos artesanatos II: a universidade do Taboão. **Revista de Cultura**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 04 /05; jun/set.; Ano 2; 1963 p.151.

3.2 Bibliografia

ANDRADE, Maria José de Souza. **A mão de obra escrava em Salvador**. São Paulo: Corrupio, 1988.

BONVINI, Emílio. **Tradição oral afro-brasileira**. Projeto História. São Paulo, EDUC.PPHS. Volume História e Oralidade, n 22. 2001 (PUC/São Paulo).

FERREIRA FILHO, Alberto. **Salvador das mulheres**. Salvador: PPGHS/UFBA, 1994. (Dissertação de Mestrado).

FRAGA FILHO, Walter. **Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX**. São Paulo/Salvador: Ed. Hucitec/EDUFBA, 1995. (Coleção Estudos Históricos, 26).

_____. **Mendigos, Moleques e Vadios**. São Paulo: Hucitec, 1996

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 6.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Bahia: uma Província no Império**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1992.

NASCIMENTO, Anna Amélia. **Dez freguesias da cidade de Salvador**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1986.

REIS, João José. **A Morte é uma Festa**. São Paulo, Companhia das Letras, 1997

SANTOS, Carlos José Ferreira. **São Paulo e Pobreza (1890-1915)**. São Paulo: Anablume Editora, Co-edição FAPESP, 1997

SANTOS, José Carlos. **Nem Tudo era Italiano**, São Paulo. Anablume, co-edição FAPESP, 1997.

TEIXEIRA, Anísio. **Relatório da Inspectoria Pública do Estado da Bahia**, 1928.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. **Sonhos africanos, Vivências Ladinas: Escravos e Forros no Município de São Paulo (1850-1888)**. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**. V. 3. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.